

EDITORIAL

Por se tratar de uma revista discente, é sempre com muito prazer publicarmos uma edição da Revista Intratextos. Em contextos normais já é difícil manter uma revista discente. Muito trabalho, alta rotatividade de pessoal e, com isso, intervalos nas publicações. Se isso reflete as dificuldades do nosso “normal”. Em 2020, vimos o surgimento da COVID-19 e uma das maiores emergências sanitárias da história que só no Brasil nos custou, até o momento, 618 mil vidas. Vítimas não somente da doença, mas em grande medida das circunstâncias e da junção entre negacionismo, desinformação, negligência e corrupção. Muito estivemos a chorar e lamentar e ainda não vimos o fim.

Apesar de tudo, as esperanças continuam a surgir. E elas muito devem às Ciências, no seu sentido maior. Pesquisas e pesquisas estiveram a conduzir algumas das melhores escolhas possíveis, o mais rapidamente possível para algo que demanda tanto cuidado. Cientistas de todos os campos do conhecimento podem terminar este ano com muito orgulho. Uma publicação de uma edição de uma revista acadêmica certamente parece pouco, mas sabemos como isso faz parte de algo maior. Auxiliamos na formação tanto de quem aprende o fazer científico ao trabalhar na revista como também de quem nela publica, enquanto abrimos espaço para discussões que talvez não encontrassem outros espaços. A diversidade de temas presentes já são um testemunho disso.

As perspectivas futuras são certamente preocupantes, mas que vejamos nossos objetos e nossa realidade cotidiana da mesma forma que Antônio Gramsci, com seu “otimismo da vontade”, mesmo que com o “pessimismo da inteligência”.

Apresentamos nesse volume cinco artigos, um ensaio e uma resenha.

No artigo que abre a edição, intitulado “Pensando distinções entre pretos e pardos no Brasil a partir das cotas raciais nas universidades”, Marcos Silveira nos convida a debater a questão das ações afirmativas raciais no espaço universitário. Em especial, a separação entre “pretos” e “pardos” no contexto brasileiro.

Em “Direitos humanos e multiculturalismo: as relações entre universalidade e alteridade na concepção contemporânea de direitos humanos”, Marina Balan e Murilo Basso discutem os conceitos de “universalidade” e “multiculturalismo” na perspectiva dos direitos humanos na atualidade. Os autores concluem que a ideia de universalidade não contempla todas

as questões que envolvem os direitos humanos; sendo necessário, portanto, romper com os padrões de identidade única.

No terceiro artigo, intitulado “Inadequação moral e autoritarismo: representações do éthos brasileiro na literatura”, Ivan Arujo analisa as obras “Memórias de um sargento de milícias” de Manuel Antônio de Almeida e o conto “A Igreja do diabo” de Machado de Assis a partir das ideias de autoritarismo e inadequação moral.

Em “Comunismo ácido vs neoliberalismo: a batalha pela novidade”, João Pedro Luques pensa a luta ideológica entre o chamado “Comunismo Ácido” e a contrarrevolução neoliberal. Passando pelo filme “Avatar” e a série Star Trek, o autor debate os traços fundamentais do neoliberalismo no sistema capitalista.

No artigo “Cultura e ideologia: reflexões sobre o trabalho doméstico e sua representação nas telenovelas brasileiras”, Carla Sellan analisa a construção dos personagens que ocupam o papel de trabalhadoras domésticas e a sua relação com o sistema de desigualdade brasileiro.

No último artigo, intitulado “Por uma transição epistemológica insurgente: reflexões sobre a produção do conhecimento e as realidades possíveis a partir da periferia urbana”, Likén de Jesus critica o modelo positivista moderno que produz o conhecimento e articula esse debate a partir de itinerários acadêmicos do próprio autor na denominada “periferia urbana”.

Já no ensaio chamado “A construção de estigmas como instrumento de dominação: Contribuição de Nobeit Elias para a compreensão dos sujeitos da EJA”, Edmar Garcia analisa, através do conceito de “interdependência” e “figuração” de Nobeit Elias, os estigmas sobre escolaridade que os sujeitos da EJA recebem.

Fechando a edição, trazemos a resenha feita por Matheus de Barros sobre o filme *L’enfant Sauvage* de François Truffaut.

Boa leitura!

Corpo Editorial
REVISTA INTRATEXTOS